

A EXPERIÊNCIA E A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA EM OS *DIÁRIOS DE EMILIO RENZI*

COSTA, André Luiz Ribeiro¹

RESUMO: Neste artigo, iremos nos deter em alguns aspectos dos dois primeiros volumes de *Os diários de Emilio Renzi*, obra publicada pelo escritor argentino Ricardo Piglia nos últimos anos de sua vida e que reúne, além de registros cronológicos dos diários que escreveu a partir de 1957, ensaios, contos e textos críticos organizados no que temos chamado de um processo de *colagem ficcional*. No entanto, não iremos nos aprofundar aqui nos problemas de gênero literário que a obra propõe. Nosso objetivo é, partindo do pensamento de Walter Benjamin, analisar como a noção de *experiência* é compreendida e problematizada pelo autor argentino, tanto num plano pessoal quanto histórico, e demonstrar os ecos benjaminianos presentes ao longo dos dois volumes.

PALAVRAS-CHAVE: Ricardo Piglia; diários; experiência; literatura latino-americana.

PERSONAL AND HISTORICAL EXPERIENCE IN *THE* *DIARIES OF EMILIO RENZI*

ABSTRACT: In this article, we will delve into some aspects of the first two *The diaries of Emilio Renzi* volumes, a work published by Argentine writer Ricardo Piglia in the final years of his life. This collection brings together chronological records of the diaries he wrote starting from 1957, along with essays, short stories, and critical texts organized in what we have called a process of *fictional collage*. However, we will not delve into the issues of literary genre proposed by the work. Our objective is, drawing from Walter Benjamin's ideas, to analyze how the notion of experience is understood and

¹ Pesquisador e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: anluizcosta@gmail.com.

problematized by the Argentine author, both on a personal and historical level. We aim to demonstrate, if possible, the echoes of Benjamin themes present throughout these volumes.

KEYWORDS: Ricardo Piglia; diaries; experience; Latin-American literature.

1. *Os anos felizes e o golpe militar*

Respiração artificial,² primeiro romance de Ricardo Piglia, começa a ser escrito pouco antes do golpe militar na Argentina (PIGLIA, 2019) e é publicado em 1980, apenas quatro anos após o início da ditadura. Nele, Piglia já desenvolve um procedimento ficcional que será repetido em romances posteriores (em especial na composição dos *Diários*): a transposição e a *reorganização* de documentos históricos no texto ficcional.

O primeiro crítico de que temos notícia a ler Piglia sob uma perspectiva benjaminiana foi Davi Arrigucci Jr., em resenha³ ao romance de estreia do autor. Em seu texto, Arrigucci já observa o procedimento de Piglia em relação ao problema da experiência:

Para ele [Ricardo Piglia], ao que parece, o narrador já não é o contador de histórias, mas um leitor de documentos, interessado na História. Num mundo como o nosso, o narrador – etimologicamente aquele que sabe – perdeu seu saber: diante da míngua de experiências e aventuras, matéria-prima da narrativa oral, se vê obrigado a lidar com fatos reais. Então como narrar? Essa é a questão para Emilio Renzi (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 190-191).

Não é por acaso, portanto, que podemos ligar essa primeira leitura de vertente benjaminiana feita por Davi Arrigucci Jr. aos problemas propostos pelos três volumes dos *Diários*. Um dos pilares conceituais desses problemas está precisamente na crise da experiência, ou seja, em como narrar o que aconteceu tal como aconteceu e, mais ainda, se o acontecido é relevante o suficiente para ser narrado. Estes dois questionamentos aparecem de forma constante nos registros dos diários. Por exemplo: “Como se vê, tenho dificuldade de narrar aqui

² Publicado no Brasil com tradução de Heloisa Jahn. Companhia das Letras, 2010.

³ Resenha posteriormente recolhida em *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. Companhia das Letras, 1987.

o que vivo no presente, a experiência vai adquirir toda a sua densidade na lembrança” (PIGLIA, 2019, p. 52) ou “Escrevo nestes cadernos na crença de que um dia terá sentido passá-los à máquina e publicá-los, porque com minha obra terei justificado a leitura destas anotações diárias e pessoais” (PIGLIA, 2019, p. 223). Há, por um lado, a dificuldade da escrita e a valorização da memória e, por outro, a projeção entre quem o autor é e quem ele espera se tornar.

Davi Arrigucci já menciona Emilio Renzi em seu texto. Espécie de duplo de Piglia, Renzi será o narrador de muitos dos seus trabalhos ficcionais, incluindo os *Diários*. Esse fato tensiona a obra de Piglia, possibilitando que seus romances e contos sejam lidos em comparação com o que está narrado nos registros cronológicos. No entanto, além de Emilio Renzi, temos identificado outro narrador presente nos *Diários*: o próprio Ricardo Piglia, que, no fim da vida, retoma e *edita* os seus cadernos, estabelecendo uma lógica interna. Esse procedimento proustiano (não por acaso a epígrafe dos *Diários* é retirada de *À l'ombre des jeunes filles en fleurs*⁴) posiciona o duplo em relação à própria memória e ao problema da experiência, como se Renzi fosse Marcel.

Voltando a *Respiração artificial*, é famosa a frase do romance: “Depois da descoberta da América não aconteceu mais nada nestes lares que mereça a mais mínima atenção. Nascimentos, necrológicos e desfiles militares: só isso” (PIGLIA, 2010, p. 16). O pessimismo contido na afirmação sugere a atmosfera do período em que o livro foi escrito, atmosfera essa a que agora temos acesso ao ler *Os anos felizes*, segundo volume dos *Diários* que narra os anos conflituosos imediatamente anteriores ao golpe militar.

A segunda metade do século XX é um período complexo na história argentina. Em 1966, há um golpe liderado pelo general Juan Carlos Onganía. Esse primeiro governo autoritário fracassa em 1970, retornando então para um governo civil. Em 1973, Juan Domingo Perón retorna ao poder e é sucedido, após seu falecimento em 1974, por Isabel Perón, que será deposta com o golpe de 1976 (USP, s. d.).⁵ Os anos de crise política e econômica que antecedem este golpe são também os anos de efervescência e formação intelectual de uma geração. Revistas literárias, como a *Los Libros*, onde Renzi trabalha, circulam em profusão, dando notícia sobre

⁴ Publicado no Brasil como *À sombra das moças em flor*. Companhia das Letras, 2022.

⁵ Retirado do projeto Memória e Resistência na América Latina (PM&R-AL), organizado pela Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <http://paineira.usp.br/memresist/?page_id=239>. Acesso em: 20 jun. 2023.

os trabalhos de novos autores e jovens intelectuais. A vida literária narrada nos diários se dá em cafés, bares e conferências em espaços culturais diversos. A universidade, especialmente após o segundo golpe militar, ainda não ocupa lugar central para essa geração, que tem a vida universitária interrompida por quase duas décadas (SARLO, 2019). Os registros nos diários em *Os anos felizes*, então, alternam-se entre os acontecimentos banais do cotidiano de um escritor e intelectual da época com os acontecimentos políticos e o avanço lento da repressão militar. Emilio Renzi conta:

Então, ao chegar, o zelador me disse que tinham voltado, gente do Exército, para perguntar pelo casal de jovens que morava no quarto ou no quinto andar do prédio, e, como morávamos no quarto, juntamos algumas coisas – meus cadernos, meus papéis, a máquina de escrever – e fomos embora para não voltar. Aí eu vejo uma interseção entre a história e a vida pessoal, porque essa retirada produziu em mim diversos efeitos tão decisivos quanto a mudança para Mar del Plata quando meu pai foi afetado pela política e, a contragosto, tivemos que abandonar Adrogué, o lugar onde eu nasci (PIGLIA, 2019, p. 10).

A interseção entre história e vida pessoal marca o início da escrita dos diários e, poderíamos dizer, o início da vida de Renzi como escritor. Essa mudança para Mar del Plata em 1957, motivada pela perseguição política sofrida por seu pai em Adrogué, é um sintoma inicial. Alan Pauls, em texto sobre a escrita de diários, irá argumentar que no século XX, marcado pela industrialização, aceleração tecnológica, guerras e ditaduras, o grande tema do diário é a doença – tanto a doença pessoal quanto uma espécie de doença histórica –, e que a escrita desses registros cotidianos revelaria não o que o sujeito *é*, mas aquilo que está *se tornando* enquanto arrastado pela catástrofe da história (PAULS, 1996). Emilio Renzi viverá imerso nessa doença, fragmentado entre o que almeja fazer com sua vida, as sucessivas instabilidades políticas, as relações sociais e os trabalhos. Essa fragmentação será problematizada como *forma* e irá espelhar a composição dos volumes de *Os diários de Emilio Renzi*.

Nas teses *Sobre o conceito de história*, Walter Benjamin diz: “A verdadeira imagem do passado escapa *rápido*. Só podemos apreender o passado como imagem que, no instante de sua cognoscibilidade, relampeja e some para sempre” (BENJAMIN, 2020, p. 69, grifo do original). O autor alemão, em sua análise sobre a catástrofe e o progresso, sobre a destruição e a constante

reconstrução – legando ruínas às ruínas – nos fala sobre escovar a história a contrapelo, porque nem a cultura nem a sua transmissão estão livres da barbárie (BENJAMIN, 2020). O diário, por se tratar de gênero pessoal, e em certa medida documental, dá sempre conta de um ponto de vista único. Nesse sentido, poderíamos argumentar que Piglia opera uma dupla tentativa: primeiro, a de apreender essa imagem do passado simplesmente porque faz parte de sua vida e é determinante para seus planos e vontades (imagem que, por verdadeira, já escapou no momento em que escreve); segundo, a de *articular* esse passado agora sim como história, organizando os registros do diário com distanciamento analítico e “escovando a contrapelo” essa história que é sua, mas também a do seu país. Essa articulação, no entanto, não é a de um *historiador*. Aqui também está para Piglia o problema da experiência que, na primeira tentativa da qual falamos, falha pela impossibilidade de descrever o que vive tal como o vive, mas que encontrará um método de tratamento na segunda tentativa, ou seja, no *tempo revisitado*: “A experiência, ele percebera, é uma multiplicação microscópica de pequenos acontecimentos que se repetem e se expandem, sem conexão, dispersos, em fuga” (PIGLIA, 2017). É também para conectar esses pequenos acontecimentos e estabelecer novas relações entre eles que Piglia irá editar os diários no fim de sua vida.⁶

Dos três volumes de *Os diários de Emilio Renzi*, *Os anos felizes* é o único a manter do início ao fim a sequência cronológica de registros sem a colagem com outros gêneros literários mencionada anteriormente. Esse segundo volume conta apenas com uma introdução em que o próprio Emilio Renzi narra de forma resumida, já em análise de sentido e de forma, alguns dos eventos que irão aparecer nos diários, estabelecendo o tema principal do volume. Se em *Anos de formação* há o diálogo com a linhagem europeia do romance de formação,⁷ em *Os anos felizes* o tema será precisamente os atravessamentos da história na vida privada:

Ontem, dia vazio. Acordei com febre e dores no peito. Dormi 24 horas seguidas. A Iris entrava e saía, o quarto às escuras. Dia perdido. Hoje, no jornal, movimentações militares. Pressão de Videla contra Numa Laplane. Este é obrigado a apresentar seu pedido de reforma, assim como Damasco

⁶ No entanto, é preciso destacar que nossa leitura sobre o problema da experiência nos *Diários* não parte de uma *intenção* de transmissão. Como veremos na segunda parte deste artigo, em consonância com “O narrador” de Walter Benjamin (1987), a intenção está perdida na lógica interna estabelecida por Piglia. Por isso, a experiência é, de partida, um problema constante, e sua reconstituição inevitavelmente ficcional.

⁷ Uma de nossas hipóteses é a de que Piglia atualiza essa linhagem.

(ministro do Interior). Isabel Perón cada vez mais isolada (PIGLIA, 2019, p. 430).

A doença dupla de que fala Alan Pauls em seu texto aparece de forma literal nesse fragmento, ou seja, simbolicamente o corpo padece enquanto o golpe militar avança. Ao fim do volume também há outra entrada de destaque: “Deço para comprar comida; na venda, clima de euforia. Levante na Aeronáutica, o golpe militar está em curso. Sensação de velhas catástrofes, primeiro pensamento: ‘Fico em Paris’” (PIGLIA, 2019, p. 442). O tratamento dado a fatos de relevância histórica é o mesmo tratamento do cotidiano; a repetição tediosa da rotina é a repetição tediosa – e progressiva – da catástrofe. O que se acompanha é fato que define o futuro, seja pessoal ou coletivo, mas está entranhado no curso do dia. Nesse registro da progressão ininterrupta dos anos há, portanto, uma morosidade, uma lentidão tediosa que encontra seus picos de interesse para logo em seguida retornar ao mesmo ritmo. As menções exaustivas de idas a bares e cafés – especialmente em companhia de David Viñas, principal interlocutor desse período e nome que aparece dezenas de vezes nas páginas –, os avanços e atrasos na vida amorosa e as tentativas de compreender os acontecimentos conforme eles se dão: toda essa profusão de repetições em conjunto com nomes que aparecem, desaparecem e depois aparecem outra vez em contexto diferente, produz, em nossa leitura, o mesmo ritmo fastidioso e acidental de existir.

Ainda nas teses *Sobre o conceito de história*, Walter Benjamin escreve: “O cronista, que narra os acontecimentos sem distinguir os grandes dos pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que já ocorreu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 2020, p. 68). Essa verdade determina o tratamento do material cotidiano de *Os anos felizes* e retoma a leitura que Davi Arrigucci faz do narrador como leitor de documentos interessado na história. No mesmo texto, o crítico paulista também escreve:

No passado, se acham as raízes do que agora é; nas cartas do futuro, a mensagem cifrada da história, que é preciso ler. Pensar a partir da história é a condição da lucidez. *Double* de historiador, o romancista se identifica com o ser desterrado. No oco do presente, vive a nostalgia do futuro (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 189).

Esse *doublé* de historiador atribuído por Davi Arrigucci ao primeiro Piglia (como procedimento adotado pelo romancista em *Respiração artificial*) também pode ser utilizado para caracterizar um dos tipos que assume como editor dos *Diários*. O problema da experiência, portanto, persiste, e é à sua origem na cronologia pigliana que dedicaremos atenção agora.

2. *Anos de formação* e o problema da experiência

Focaremos a análise agora em *Anos de formação*, primeiro volume dos *Diários*, dando especial atenção ao avô paterno de Emilio Renzi e aos desdobramentos de sua relação com o neto.

Assim o avô surge nas primeiras páginas dos *Diários*:

Aos três anos ficava intrigado com a figura do seu avô Emilio sentado na poltrona de couro, ausente dentro de um círculo de luz, os olhos fixos num misterioso objeto retangular. Imóvel, parecia indiferente, calado. Emilio, o menino, não entendia muito bem o que estava acontecendo. Era pré-lógico, pré-sintático, era pré-narrativo, registrava os gestos, um por um, mas não os encadeava; simplesmente imitava aquilo que via os outros fazerem. Então, naquela manhã subiu numa cadeira e tirou um livro azul de uma das estantes da biblioteca. Depois foi até a porta da rua e se sentou na soleira com o volume aberto no regaço (PIGLIA, 2017, p. 15).

A correspondência dos nomes de avô e neto é sintoma considerável para nós, mas nesse fragmento encontramos outra imagem fundamental. Emilio, o avô, descrito – incompreensivelmente para a criança – como um leitor, tem seus *gestos* imitados pelo neto. A cena é importante porque a figura do leitor⁸ ocupará posição central na obra de Piglia e, claro, nos *Diários*. Essa aproximação inicial, e reiteramos que seja o avô e não o pai, dá o tom da relação estabelecida entre os dois Emilios e, mais importante, do legado nesse gesto de leitura.

⁸ Figura que é absorvida e retrabalhada a partir das leituras que Piglia faz de Jorge Luis Borges.

No início do primeiro volume, ainda sob a perspectiva da criança, ficamos sabendo de uma viagem que avô e neto fazem juntos à Patagônia. A figura misteriosa de Emilio, o avô, começa a ganhar novos contornos e descobrimos que ele esteve no *front* da Primeira Guerra:

Várias vezes pensei em voltar àquela fazenda na Patagônia, viajar para rever o homem que perdera um braço [amigo do avô desde o tempo da guerra]. ‘Pois bem’, ele poderia me dizer, ‘vou lhe contar a verdadeira história de seu avô na guerra’. Mas nunca fui e dessa guerra pessoal só tenho comigo rastros esparsos: uma foto do meu avô vestido de soldado e os papéis, livros, mapas, cartas e anotações que ele me deixou como única herança ao morrer. No entanto, às vezes ainda escuto sua voz (PIGLIA, 2017, p. 24).

Nesse trecho há informações que Renzi esclarece logo em seguida. Emilio, seu avô, não gostava de falar sobre os anos em que esteve em combate. Por isso, a reconstituição desses anos se dá aos poucos, ao longo de todo o primeiro volume. No entanto, há o que Renzi define como “rastros esparsos”, que compõem o material em torno da Primeira Guerra que seu avô guarda em casa. Durante a década de 1960, quando Renzi está na faculdade em La Plata, seu avô o contrata para ajudá-lo a organizar esse material: “eu andava sem dinheiro na época, então ele achou que eu poderia ajudá-lo a organizar seus papéis e reconstruir sua experiência na guerra. Ele temia, com a idade, perder a memória [...]” (PIGLIA, 2017, p. 24). Emilio, o avô, lutava no *front* nos Alpes e foi ferido brutalmente no peito. Depois de três meses em um hospital de campanha, foi enviado para trabalhar no escritório postal do exército, no setor voltado para a correspondência de soldados mortos ou desaparecidos: “Seu trabalho consistia em reunir os objetos pessoais – o relógio, a aliança, as fotos de família, as cartas não postadas escritas pela metade – e enviá-los aos parentes com uma carta de condolências” (PIGLIA, 2017, p. 24). Naturalmente, após meses realizando esse trabalho, o avô de Renzi começa a sofrer de depressão e, sem compreender o motivo, para de enviar os objetos pessoais dos mortos, guardando todos para si.

É nesse arquivo, então, que Emilio Renzi passa a trabalhar. Com a dificuldade que seu avô tem em *narrar a experiência*, essa reconstituição se dá a partir de objetos e itens que ganham característica documental, ou seja, a reconstituição da experiência a partir desse arquivo irá espelhar o modo de reconstituição da experiência nos próprios *Diários*, mas tendo

em sua origem a perda da capacidade oral de narrar. Nessa perda há uma relação com Walter Benjamin:

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 1987, p. 198).

No texto de Benjamin, a Primeira Guerra funciona como um marco catalizador na crise de transmissão da experiência. A respeito dessa crise ele também faz considerações sobre a ascensão do romance como gênero literário e da propagação cada vez maior de notícias e informações. Com isso, há um rompimento geracional em que a sabedoria – a experiência – já não é mais compartilhada dos mais velhos aos mais jovens, ou seja, a crise da experiência seria a crise da *intenção* de compartilhá-la e da *forma* como é compartilhada – já que a importância do registro oral, com o avanço técnico e tecnológico, aos poucos se perde.

Por isso nossa hipótese de que, do modo arquitetado como Ricardo Piglia edita os *Diários*, o problema da experiência está na origem do projeto – ou, como mostramos em Davi Arrigucci, na origem da própria obra. Emilio Renzi de fato ajuda o avô na organização do arquivo. Esse gesto, como o gesto da leitura, os aproxima, sem que, no entanto, essa aproximação se dê pela fala. A transmissão de experiência entre ambos já está interrompida.

Mencionamos anteriormente que era importante notar a aproximação entre avô e neto e não entre pai e filho. A transmissão da experiência entre gerações, ou melhor, o problema dessa

transmissão, é um dos pontos em que Silviano Santiago (2019) se apoia para ler o texto de Walter Benjamin:⁹

Em virtude da *incomunicabilidade da experiência entre gerações diferentes*, percebe-se como se tornou impossível dar continuidade linear ao processo de aprimoramento do homem e da sociedade. Por isso, aconselhar – ao contrário do que pensava Benjamin – não pode ser mais “fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada”. A história não é mais vislumbrada como tecendo uma continuidade entre a vivência do mais experiente e a do menos, visto que o paternalismo é excluído como processo conectivo entre gerações. As narrativas hoje são, por definição, quebradas. Sempre a recomençar (SANTIAGO, 2019, p. 417, grifo do original).

A ausência de ligação paternal entre o avô e Emilio Renzi se dá de forma literal. O pai de Renzi não participa da relação entre avô e neto e raramente surge nas páginas dos diários. Diz o avô: “E teu pai, como está? Eu deixei de falar com ele, não gosto de médicos nem gosto dos filhos diretos, sabe?, prefiro os filhos indiretos. Teu pai passa a vida me dando conselhos médicos, acredita? [...]” (PIGLIA, 2017, p. 117).

O que liga Emilio Renzi ao avô, portanto, são os gestos que mencionamos como exemplo. Aí se dá o recomeço dessa narrativa, um elo estabelecido não por meio da tessitura, mas pelo fragmento relacional. A leitura feita por Silviano Santiago também ajuda na compreensão do tratamento que Piglia dá a histórias alheias, em especial a histórias familiares, ou seja, o problema em narrar a própria experiência desencadeará na apropriação alheia de experiências e personagens, como seu avô. Esses fragmentos produzem um mosaico particular que, em última instância, são a vida do narrador de Piglia.

Ao fim do primeiro volume, a história de Emilio é retomada por outra voz. É Ida Maggi, a mãe de Renzi, logo após a morte do avô, quem conta a sua história e preenche as lacunas deixadas por ele.

Assim ela é descrita:

⁹ Texto recolhido em *35 ensaios de Silviano Santiago*, com organização de Italo Moriconi. Companhia das Letras, 2019.

Minha mãe, durante muitos anos, foi a mais fiel depositária das histórias da família, e essas histórias eram muito boas porque se sustentavam no lado pessoal, havia figuras fixas, por exemplo meu tio Marcelo Maggi,¹⁰ que sempre reaparecia e nunca será esquecido (PIGLIA, 2017, p. 356).

A mãe de Renzi, então, seria a memória na qual essas narrativas familiares tão caras ao autor argentino estariam guardadas. Dessa forma ela retoma a história do avô:

Assim que meu avô morreu, naquela mesma tarde ela começou a me chamar de *Emilio*, com uma cadência nova, e em seguida, como se quisesse tirar o morto de cena, passou a me contar a razão, ou melhor, o motivo pelo qual meu avô se alistou como voluntário na Primeira Guerra Mundial. Uma decisão insana que por muitos anos, para mim, foi a maior prova de sua coragem e de sua hombridade. Porque o Nono foi à Embaixada Italiana em Buenos Aires e pediu que o embarcassem imediatamente para a frente de batalha. Como era um homem culto e estava no auge do vigor físico, foi nomeado oficial e assumiu responsabilidades nem bem chegou à primeira linha de fogo (PIGLIA, 2017, p. 357, grifo no original).

Descobrimos, então, que o avô de Renzi decide ir à guerra após complicações na relação com uma mulher fora de seu casamento (PIGLIA, 2017). Uma espécie de fuga que reorganiza tanto para Renzi quanto para o leitor a imagem construída ao longo de todo o primeiro volume. O homem silencioso e heroico ganha outra camada, quase oposta à primeira. Essa oposição, construída habilmente por Ricardo Piglia, também encontra respaldo na crise de transmissão da experiência proposta por Benjamin:

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias –

¹⁰ Também transformado em personagem no romance *Respiração artificial*.

assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade (BENJAMIN, 1987, p. 207-208).

Benjamin contrapõe esse trecho ao que seria nas sociedades modernas um sintoma de banalização da morte e, portanto, de banalização da experiência. No entanto, acreditamos ser possível retomar o trecho em seu potencial na leitura que fazemos da morte de Emilio. A mãe de Renzi, aqui compreendida como simulacro de narradora clássica – simulacro, pois, reiteramos, não há transmissão de sabedoria – narra a vida de Emilio, o avô, somente após sua morte, porque antes havia um *pacto*. Esse pacto, na morte, pode ser então quebrado, pois seus efeitos negativos são equilibrados pela autoridade de que fala Benjamin, restituindo em conjunto os dois lados de sua vida: o heroico e o humano.

Antes da morte de Emilio – o avô –, Ida Maggi chamava Renzi por apelidos, evitando utilizar o mesmo nome. Como outro desdobramento do mesmo fato, assim que o avô morre, a duplicação cotidiana do nome se perde, e poderíamos argumentar que essa passagem também simboliza o fim do período de formação de Renzi, que se torna, enfim, Emilio e ganha autonomia aos olhos da mãe.

Nesse sentido, passando pela Primeira Guerra, pela morte e pela crise na transmissão da experiência, o primeiro volume dos *Diários* se organiza em par com o pensamento benjaminiano, mantendo as mesmas perguntas que o autor alemão faz, fixando, na lógica interna do projeto, sua arquitetura. É marca de alguns autores dessa geração, como o próprio Silviano Santiago ou W. G. Sebald – exemplo europeu falecido no início dos anos 2000 de forma precoce –, o enfrentamento das questões que envolvem repisar as ruínas e pensar novas paisagens a partir das que foram destruídas.

Sabemos que as exposições neste texto não esgotam o assunto. Há outros exemplos e possibilidades de leitura que poderiam nos guiar em material tão vasto quanto os três volumes dos *Diários*. No entanto, acreditamos que as breves correspondências mostradas entre Piglia, Benjamin e seus comentadores sirvam como noção da *origem* do problema da experiência na

obra de Piglia e sobre como o projeto dos *Diários* está atravessado pelas questões históricas da segunda metade do século XX. Seguiremos, em futuras leituras, desdobrando as ideias aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR, Davi. Literatura, exílio e utopia. In: ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Sobre o conceito de história – cópia pessoal de Walter Benjamin. In: MÜLLER, Adalberto; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org. e trad.). *Sobre o conceito de história: edição crítica*. São Paulo: Alameda, 2020.

PAULS, Alan. Prólogo: las banderas del célibe. In: PAULS, Alan. *Cómo se escribe el diario íntimo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *Respiração Artificial*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Os diários de Emilio Renzi: anos de formação*. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Todavia, 2017.

_____. *Os diários de Emilio Renzi: os anos felizes*. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Todavia, 2019.

_____. *Os diários de Emilio Renzi: um dia na vida*. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Todavia, 2021.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: MORICONI, Italo (Org.). *35 ensaios de Silviano Santiago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARLO, Beatriz. *Nas margens, uma crítica: entrevista com Beatriz Sarlo*. [Entrevista concedida a] Maria Caroline Tresoldi. *Remate de Males*, Campinas, v.39, n.1, pp. 504-522, jan/jun 2019.

USP - Universidade de São Paulo. *Paineira – Memória e Resistência: histórico da ditadura civil-militar argentina*. Disponível em: <http://paineira.usp.br/memresist/?page_id=239>.

Acesso em: 20 jun. 2023.